

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

No grande teatro do mundo : a escultura, a liberdade, a forma, o homem, o tempo, o modo, o propósito, em Charters de Almeida

<http://hdl.handle.net/11067/6462>

<https://doi.org/10.34628/9d78-0x77>

Metadata

Issue Date 2022

Type bookPart

This page was automatically generated in 2022-10-19T06:25:25Z with information provided by the Repository

NO GRANDE TEATRO DO MUNDO:

A ESCULTURA, A LIBERDADE, A FORMA, O HOMEM, O TEMPO,

O MODO, O PROPÓSITO, EM CHARTERS DE ALMEIDA

Mário Chaves

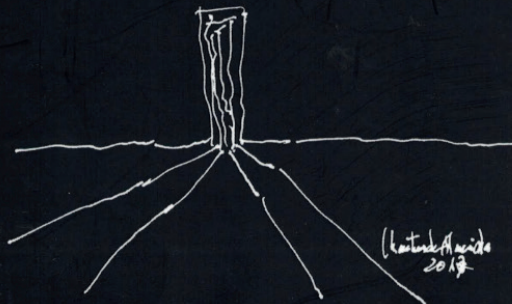
DOI: <https://doi.org/10.34628/9d78-0x77>

→ → → ~~□~~ O, HOMEM
É
A SUBLIME
CONTRADIÇÃO
R/DO
UNIVERSO ?

Charters de Almeida
2.017

Charters de Almeida

... O "FUTURO",
É
O "PRESENTE",
SEM
"TEMPO" ?



Charters de Almeida
2017

Numa idade assumidamente de Pluralismo, seria de toda a conveniência o reconhecimento do artista pleno, no Grande Teatro do Mundo, onde cada vez mais as personagens actuam independentes, pelas circunstancias que se desvinculam dos acontecimentos e dos tempos de acção. Os artistas querem, mas podem ser ainda entes redentores?

Ensaieiros a posição de João Charters de Almeida e Silva, num passado e num presente visto num futuro possível; encontrou o seu destino, numa possibilidade de realização, que todos temos, mas que alguns configuram numa grandeza inolvidável; com resistência e sem desistência.

O artista, neste grande palco, poderá ainda ambicionar triangular e reconciliar a filosofia com a ciência, uma vez que reconhece que os seus extremos se tocam. Foi um grande infortúnio, que para a ciência triunfante, houvesse a convicção, justificada, que a filosofia não era mais que um artifício inútil, porque desde o tempo de Schelling, Goethe e Hegel, ocorreram desenvolvimentos na sua estrutura, que as tornaram de grande valor, mas separadas e antagónicas.

O crescimento das ciência, na idade da técnica triunfante, redundou numa falta de estruturação, conseqüente da ausência de uma crítica competente e alternativa de pensamento, ao pensamento dominante, porque ninguém a critica e vive num novo desígnio de dogmas e certeza insufismáveis. A arte, especulativa na sua essência, devia ter tido esse propósito; na arte cada transformação resulta de uma resolução consciente por parte do artista. Afinal qual é o designio?

Por esta consequência, também a arte tem sido vinculada e conotada com o progresso inexorável das nações, suportada por uma riqueza minerada e assente no consumismo, mas ausentando-se da discussão filosófica do seu ser, numa idade inegavelmente tecnológica e de reconhecimento científico imparável, remetendo-se para um feudo, normalizador, sistemático e dogmático. Ortega Y Gasset assumiu que uma verdade pode ser muito exacta e, não obstante, ser muito pouco

verdade. E a quem pertence a verdade? A ciência dogmática ou ao pensamento humanista da arte e da filosofia?

A Arte é uma expressão da nossa sensação de que o que existe é insuficiente – e de que não somos obrigados a aceitá-lo com gratidão: disse John Berger, acerca da Aparência das coisas, e da Arte como critério de perfeição, resistindo à transformação do valor espiritual da obra terminada em mero valor transacionável e material; o seu pleno valor é ainda moral, pela necessidade de comunicação do seu criador.

Toda a Arte quer refletir sobre a Utopia; a ou topos, isto é, a superação de um lugar ainda desconhecido, no lugar ideal que não o é agora, mas que pode ser construído e conhecido no futuro. O conceito de Utopia, na Arte é atribuído continuamente a tentativas de construção de modelos; os eternos enigmas da sociedade ideal, que consome os recursos e adia constantemente a sua capacidade de realização do presente, convertendo-se em distopias. Utopia é definitivamente o lugar que não existe, tal como a nossa racionalidade política, filosófica e social. Passamos metade da vida a tecer duras críticas à sociedade e outra metade da vida a ansiar pela sociedade perfeita, segundo os nossos pequenos valores, vontades e caprichos. Todos queremos sempre uma continuada vontade de mudança, individualmente todos temos resistência a mudarmos; ter uma epifania, é uma singularidade na vida.

A liberdade no seu grau de qualidade intrínseca e absoluta do ser, implica que ser livre significa agir de acordo com a natureza; é a natureza da escultura. É mediante a liberdade que o escultor se deve exprimir como tal e na sua totalidade. Contudo, o homem domesticou-se; a sua domesticação foi o princípio do fim, nos seus diversos graus, da liberdade intrínseca que devia ganhar com o seu nascimento. Mas o homem, que na sua prerrogativa natural, devia nascer livre, não o é. O ser domesticado, nasce e cresce em sociedade, e é castrado na vontade desde logo, e nas convenções, na língua, no pensamento, é moldado, toldado, enquadrado; julga ser livre nos actos e pensamentos, mas tudo ocorre dentro de um arco de liberdade, que alarga e estreita, nos caprichos e vontades do tempo. A acção humana não é absolutamente livre, como referiu Arthur Schopenhauer; o homem não é livre, não possui liberda-

de de acção, porque não é livre para deliberar sobre a sua vontade. Nem a noção do livre arbítrio que confere o grau de liberdade possível para com os seus desejos e actos, é uma liberdade plena, antes condicionada pela noção de ética pessoal, que se molda na moral social e nos preceitos estritos das exigências sociais. De facto existe liberdade de vontade? De facto são livres os que se assumem livres?

Etienne de La Boetie enunciou um Discurso sobre a Servidão Voluntária, em que sobretudo trata especificamente da liberdade política, ou da sua ausência, e em que pela constituição da sociedade agregadora, se legitimam os estados, e assim se resringe mais ainda os graus de liberdade. E o único aumento possível desses graus de liberdade provem do pensamento anarquista; porque sem liberdade o homem vive na angústia, diante da condenação perante a falta de liberdade, porque esta sempre condenado à servidão das escolhas. A segurança conduz a servidão, porque é uma condição bilateral, em que as duas partes se fazem depender; a segurança faz-se exercer pelos donos da segurança e sem insegurança estes não existem. A servidão alimenta a segurança e o aumento do grau de liberdade, mesmo que aparente, conduz à confiança de que a segurança aumenta proporcionalmente ao grau de segurança oferecido pelo poder exercido, que proporciona aos cidadãos aderentes e dependentes a segurança desejada. O poder do tirano está em última estância nos seus súditos, o povo voluntariamente nega a sua liberdade e transfere o poder para o tirano.

Como cantava Patty Smith – People Have the Power, se assim o entender. Liberdade e segurança, são um fio de navalha, que nenhum cidadão conhece verdadeiramente. É a quimera humana, sem redenção; o homem social domesticado, é incapaz da liberdade e conforta-se na segurança de uma arte acomodada. Porque a arte anseia a liberdade, exigindo uma mensagem de comunicação, para com a insatisfação do artista perante a realidade.

Nascemos todos na Idade da Descrença. Crescemos a acreditar, numa nova forma de crença, da importância exclusiva do material, do mensurável, do demonstrável, do controlável. Crescemos a não termos

dúvidas sobre a qualidade provada da ciência e da técnica; está mesmo garantido que tudo o que a ciência não prova e a técnica não evidencia, está falso, errado, talvez não exista. Não haja dúvidas sobre o que a ciência prova; é garantido que o que a ciência não prova é falso. Quiseram tirar-nos todas as crenças e explicarnos tudo, e deixarnos apenas com opiniões, e temos muitas opiniões sobre muitas coisas e assuntos. E Sócrates disse mesmo que nas generalidades, não temos algum conhecimento, tão só opiniões. Erasmo de Roterdão, no seu Elogio da Loucura, afirma mesmo que aquilo que o homem mais gosta de ter é ter uma opinião, onde a possa exprimir e que o possa ouvir.

O homo sapiens faz algo que mais do que à sua dimensão pertenceu; comunicou com acontecimentos reais e imaginários, no presente, futuro e passado com toda a capacidade e a escultura foi um modo de comunicação com a perenidade que desconhecia; e se nesta capacidade cada vez maior de concatenamos no mesmo instante tudo, desejamos viver uma plena idade legitimada pela ciência, porque num ponto essencial na idade da descrença, tudo passou a ser tocado pela exactidão, protocolos e margem mínima de tolerância. Esta é, também, o conceito intelectual, o sistema de crença entre o homem e a matéria e os fenómenos. O Homem moderno, passou a ser tocado em tudo pela ciência que inventou. O novo credo, a nova tirania, para todos os homens de bem, que agem em harmonia com a moral e a sua ética, em virtude. De facto subjectivamente ninguém morre, prolonga-se a consciência. O pensamento escultórico é também um acto de fé.

Apenas a Arte parece querer ambicionar a criação do futuro, porque obriga a abandonar o presente; adoramos fazer acontecer um pretérito perfeito, porque para o futuro há o imperfeito que é do indicativo. Para criar um futuro novo, é necessário perguntar pelo que não está a acontecer no futuro, mas fazer com que tal aconteça verdadeiramente. Na presente condição, quando referimos estarmos saudosos de voltarmos ao normal, estamos a sustentar o conceito prevalecente de causa-efeito passado. Sabemos como funcionava. Ao desejarmos um passado recente como complemento confortável de um presente, adiamos o futuro com uma linguagem decisivamente ultrapassada.

Depois de conhecer Charters de Almeida num tempo maior de uma geração, interesse-me mais pelo homem que pela obra, nos seus diversos graus e qualidades, da escultura, da pintura, da escrita; o verbo é mais que a acção; esta é uma extensão material da força e glória do seu pensamento, da sua vontade antes do propósito, das atmosferas que o seu trabalho sempre provocou, na concatenação das esferas da matéria e da energia que a transforma; porque sempre houve valor, para além da aparência das coisas. A obra existe, e o pensamento acontece continuamente.

A sua vida e as suas escolhas, demonstram uma verdade exemplar, à qual foi tremendamente sensível, e que hoje devemos aceitar como intelegível a exaltação do pensamento para além da acção. Charters de Almeida foi sempre activo e empenhado, original e singular, consiente do que o rodeou e do que está inscrito na realidade: é atento, concentrado no essencial, excluindo todo o resto, discreto, austero e frugal, sofisticado, porque ha uma vontade primogénita antes do seu propósito. O futuro é incerto, mas o presente oferecido é valoroso, porque a escultura é o pretexto formal entre a ponte do artista e a do observador consumidor.



O solene desfiar do tempo, num relógio sem horas,
e a juventude que em beleza, realiza o tempo que se desfia.

Relógio de Sol, Parque Pólis do Tamega, Chaves